

## **RAP E EDUCAÇÃO, RAP É GEOGRAFIA: Oficina para crianças**

*RAP Y EDUCACIÓN, EL RAP ES GEOGRAFÍA: taller para niños*

*RAP AND EDUCATION, RAP IS GEOGRAPHY: Workshop for children*

### **RESUMO**

O Hip-Hop é um movimento cultural que surgiu na década de 1970 em bairros marginais de Nova York, nos Estados Unidos. Ele é composto por quatro elementos principais: o Rap, a dança break, o DJ e o graffiti. A relação entre o Hip-Hop e a educação tem sido explorada por muitos pesquisadores e profissionais da área, que veem no movimento uma forma de engajar jovens em processos educativos mais significativos e relevantes para suas vidas. Este texto objetiva trabalhar as potencialidades da expressão musical do Hip-Hop, o Rap, como uma ferramenta pedagógica possível no ambiente educacional, por meio do ensino da Geografia, promovendo oficinas para crianças da periferia de São Gonçalo-RJ. Dessa maneira, a metodologia da oficina foi desenvolvida para trabalhar a temática urbana da cidade de São Gonçalo. Como resultados, verificamos que foram ensinados conceitos e conteúdos geográficos, como também, promovido o pensamento crítico nos alunos. Incentivando, dessa forma, habilidades de leitura e escrita, através da discussão das experiências vivenciadas pelas crianças na cidade; explorando o potencial histórico e cultural do seu lugar e valorizando, ainda mais, a colaboração e o trabalho em equipe desses alunos.

**Palavras-chave:** Rap; Ensino de Geografia; Cidade. Urbano; São Gonçalo.

### **ABSTRACT**

Hip-Hop is a cultural movement that emerged in the 1970s in marginal neighborhoods in New York, in the United States. It is made up of four main elements: Rap, break dancing, DJ and graffiti. The relationship between Hip-Hop and education has been explored by many researchers and professionals in the field, who see the movement as a way of engaging young people in educational processes that are more meaningful and relevant to their lives. This text aims to work on the potential of the musical expression of Hip-Hop, Rap, as a possible pedagogical tool in the educational environment, through the teaching of Geography, promoting workshops for children from the outskirts of São Gonçalo-RJ. In this way, the workshop methodology was developed to work on the urban theme of the city of São Gonçalo. As a result, we verified that geographic concepts and content were taught, as well as promoting critical thinking in students. In this way, encouraging reading and writing skills, through the discussion of the experiences lived by children in the city; exploring the historical and cultural potential of their place and valuing, even more, the collaboration and teamwork of these students.

**Keywords:** Teaching Geography; City; Urban; São Gonçalo.

### **RESUMEN**

El Hip-Hop es un movimiento cultural que surgió en la década de 1970 en barrios marginales de Nueva York, en Estados Unidos. Está compuesto por cuatro elementos principales: Rap, break dance, DJ y graffiti. La relación entre el Hip-Hop y la educación ha sido explorada por muchos investigadores y profesionales en el campo, quienes ven el movimiento como una forma de involucrar a los jóvenes en procesos educativos que son más significativos y relevantes para sus vidas. Este texto tiene como objetivo trabajar el potencial de la expresión musical del Hip-Hop, el Rap, como posible herramienta pedagógica en el ambiente educativo a través de la enseñanza de la Geografía, a través de un taller para niños de la periferia de São Gonçalo-RJ. De esta forma, la metodología del taller fue desarrollada para trabajar el tema urbano y la ciudad de São Gonçalo. Como resultado, analizamos que fueran enseñados conceptos y contenidos geográficos y promover el pensamiento crítico fomenta las habilidades de lectura y escritura, además de discutir las experiencias vividas por los niños en la ciudad, explorando el potencial histórico y cultural, valorando la colaboración y el trabajo en equipo de los niños.

**Palabras Clave:** Enseñanza de la Geografía; Ciudad; Urbano; São Gonçalo.

 Victor Hugo Sodré da Costa <sup>a</sup>

 Ana Claudia Ramos Sacramento <sup>b</sup>

<sup>a</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

<sup>b</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

**DOI:** 10.12957/geouerj.2023.76441

### **Correspondência:**

ana.sacramento@uerj.br

**Recebido em:** 24 mai. 2023

**Revisado em:** 24 mai. 2023

**Aceito em:** 12 set. 2023



## INTRODUÇÃO

Temos vivenciado diferentes formas de linguagens para se trabalhar o conhecimento geográfico em sala de aula. A música não é um estudo novo, mas aparece em atividades didáticas, a partir das ações dos professores. A necessidade de trabalhar com linguagens e seus gêneros potencializa as leituras, interpretações e análises de conceitos e conteúdo, possibilitando mais olhares sobre um determinado tema.

Teixeira (2020) argumenta que o uso do rap como mediador para debater sobre o ensino de Geografia pode ter como um dos caminhos o trabalho com diversas escalas, desde a global até a local, colaborando para dialogar com a educação. Podemos compreender que o rap evidencia um pensamento crítico em relação às desigualdades que marcam os seus diferentes lugares.

Souza (2011) destaca que os dois grandes conjuntos do problema urbano estão relacionados à pobreza e à segregação residencial. Mas, não só elas, como também a degradação ambiental, o sistema de tráfego (os fluxos), serviços básicos e outros. Estes temas estão presentes nas letras (com seus videoclipes) que mostram a realidade local e assim, potencializam a discussão a respeito da produção do espaço urbano capitalista.

Ao pensar sobre os contextos urbanos locais que deram origem ao surgimento e irradiação do Rap, as cidades estão presentes em todas as referências analisadas, indicando a possibilidade e atuação sob uma perspectiva geográfica.

A cidade de São Gonçalo, lugar da pesquisa, vivencia processos de mudanças, visíveis ou não, aos olhos daqueles que transitam por ela. Está em constante processo de transformação, de acordo com os interesses das grandes corporações e dos poderes políticos para construir os objetos técnicos, constituindo, assim, outras paisagens e outras práticas sociais.

Como parte da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, a cidade pode ser descrita como segregada. Conforme destacado por Silva (2012), um dos principais problemas da maioria das metrópoles é a pobreza social existente na paisagem, decorrente da exclusão de grupos desfavorecidos pelo processo de modernização. Dessa forma, a consciência do espaço e da forma social é um elemento importante a ser trabalhado em sala de aula, já que a São Gonçalo faz parte desse contexto.

Destarte, o ensino de Geografia precisa voltar à atenção para a realidade da cidade, haja vista que a educação escolar tem plena capacidade de acompanhar os processos de transformação que ocorrem no mundo atual, indicando caminhos alternativos e que possam se adaptar às particularidades dos alunos, para



um maior desempenho na aprendizagem. Buscando, assim, ensinar o conhecimento geográfico significativo, a partir das análises espaciais.

O objetivo do texto é apresentar a oficina pedagógica desenvolvida com crianças de 5 a 12 anos, dentro das atividades da 5ª Edição da Colônia de Férias: Futuros Cientistas, organizada pelo Núcleo de Apoio Experimental em Bioquímica (NAEB), ocorrida em julho de 2022, na Faculdade de Formação de Professores, partindo dos conteúdos voltados para percepção da cidade de São Gonçalo.

As crianças, após verem os videoclipes com a temática sobre o contexto urbano, tiveram que representar sua cidade - São Gonçalo-RJ, mostrando a percepção deles sobre os lugares em que vivem. Entre os objetivos específicos, a) descrever o seu espaço com representações ilustradas sobre a cidade, b) analisar os aspectos comuns e particulares, na perspectiva de cada educando, sobre sua cidade. As atividades dialogam com as habilidades mencionadas na Base Nacional Curricular Comum (BNCC), como a EF01GE01 - Descrever características observadas de seus lugares de vivência (moradia, escola etc.) e identificar semelhanças e diferenças entre esses lugares.

Por meio de uma metodologia qualitativa, no sentido de interpretar e analisar para construir estratégias educativas, como destaca Thiollent (2007), este trabalho apresentará parte da monografia de conclusão de curso de licenciatura denominada “O uso do Rap como ferramenta de ensino-aprendizagem nas aulas de Geografia: perspectivas sobre a cidade e o urbano” parte da pesquisa da bolsa PIBIC-UERJ “Um estudo sobre as didáticas e as concepções de cidade e de urbano dos alunos e professores de Geografia da cidade de São Gonçalo” (2020-2022) e do Projeto Temático - FAPERJ- Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (2022-2026) e ao Projeto Universal do CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (2022-2025) pelos financiamentos dos Projetos de Pesquisa “Propostas e Materiais Didáticos para os professores de Geografia no Estado do Rio de Janeiro”.

A problemática da pesquisa gira em torno da seguinte questão: Como inserir o Rap nos diferentes ambientes, trabalhando o gênero como uma metodologia para o ensino de Geografia?

Compreender o gênero musical rap é uma possibilidade metodológica de ensino-aprendizagem nas aulas de Geografia, se desdobrando entre suas potencialidades e sobre a viabilidade de seu uso, para que professores possam apreciar o gênero como mais um instrumento de auxílio para o (processo pedagógico) âmbito escolar.



## O RAP E SUA DIMENSÃO CULTURAL

O Rap é parte integrante do movimento Hip-Hop que tem em sua gênese a contribuição e idealização através do DJ jamaicano Kool Herc, por volta dos anos 1960 e 1970 nos EUA. Oliveira (2011) discorre que imigrantes jamaicanos, durante este mesmo período, se deslocaram até os Estados Unidos para ter oportunidades de emprego e melhorias de qualidade de vida. Incorporando elementos semelhantes ao reggae, os imigrantes passaram a trazer as festas de ruas jamaicanas para o solo estadunidense, sendo a partir dessas experiências, a ser considerado o gênero musical mais ouvido do país décadas posteriores<sup>1</sup>.

O movimento Hip-Hop apresenta como seus elementos: a música, com o Rap (acrônimo para “*rhythm and poetry*” no inglês, ou ritmo e poesia em português), cantadas pelo MC (acrônimo para “*masters of ceremonies*” no inglês, ou “mestre de cerimônia” no português) e com batidas produzidas pelo DJ (acrônimo para “*disc jockey*” no inglês, ou “disco jóquei” no português), na dança com o *breakdance*, e nas artes visuais com o grafite. Nos dias atuais, outros elementos constituem o movimento hip-hop que segue em crescente expansão.

Torna-se relevante o contexto estadunidense daquela época, já que a comunidade negra lidava com a luta pelos direitos civis e se organizava politicamente contra o racismo, organizada, sobretudo por lideranças como Malcom X, os Panteras Negras e Martin Luther King Jr. Neste sentido, o Hip-Hop tornou-se um vetor como expressão cultural que se utilizava da arte em amplos sentidos para denunciar a desigualdade social e as mazelas ocorridas na periferia de Nova Iorque, essencialmente sofrida pela população negra, imigrante, pobre e latina, marginalizada. Oliveira (2011) afirma, ainda, que do seu surgimento através da periferia estadunidense até sua chegada ao Brasil, a cultura Hip-Hop se manteve firme no enfrentamento do racismo e dos preconceitos que cercavam os jovens excluídos que se identificavam com o gênero, fazendo com que a música se tornasse uma grande ferramenta de empoderamento e uma ponte para a possibilidade de se construir uma criticidade sobre a realidade na qual estavam inseridos.

Gonçalves (2010) ressalta que, por volta da década de 1960, a indústria cultural brasileira proporcionou, através da circulação de revistas, filmes e discos, a aproximação dos ritmos musicais caribenhos e estadunidenses como *funk* e *soul*, possibilitando um processo suave de assimilação da cultura negra internacional para a classe urbana da juventude brasileira, majoritariamente nas cidades de São Paulo,

---

<sup>1</sup> De acordo com relatório da Nielsen Music, empresa especializada em levantamentos de vendas de música e vídeo em todo os Estados Unidos e Canadá, em 2017 o Rap ultrapassou o Rock pela primeira vez na história como gênero mais ouvido nos EUA. O relatório apontou uma porcentagem de 24,5% superando o Rock com 20,8%. Disponível em: <https://www.nielsen.com/pt/insights/2018/2017-music-us-year-end-report/>



Salvador e Rio de Janeiro. Assim, pouco a pouco o movimento “*Black Power*” foi às ruas, em ginásios de comunidades periféricas. Até que por volta de 1977, acaba por alcançar as discotecas e clubes frequentados por jovens brancos de classe média.

A cultura Hip-Hop, entretanto, apareceu no Brasil na cidade de São Paulo, através da dança, manifestada pelo *breakdance*, nos encontros ocorridos na Estação São Bento do metrô paulistano, por volta da década de 1980 (OLIVEIRA, 2004). O contexto sociopolítico da década de 1980 convergia para o avanço tecnológico das comunicações, importando um estilo e ritmo novo, manifestado agora pelos jovens brasileiros, aliado também ao processo de redemocratização nacional, com uma crise de valores e juízos que fizeram dos centros urbanos paulistas, espaços simbolizados como cenários de uma nova expressão popular da cultura jovem (GONÇALVES, 2010). Daí a grande importância de São Paulo como propagador da cultura Hip-Hop para as outras regiões do país.

O Hip-Hop se difundiu por meio de festas e bailes de *black music*, coincidindo com o fortalecimento da cultura e estética no movimento negro brasileiro. Os bailes se tornavam espaços sociais para que o Hip-Hop pudesse ser ocupado e manifestado por seus frequentadores. A partir disso, os elementos que fazem parte do gênero são amplamente conhecidos, observados e difundidos nas favelas e arredores do Brasil, pelos Estados adjacentes a São Paulo, como o Rio de Janeiro.

A identidade do Hip-Hop fluminense tem sua origem propiciada através dos bailes de *black music* que aconteciam nos subúrbios do Rio de Janeiro. Ao fim dos anos 1970 e início dos anos 1980, os bailes promoveram uma referência identitária e de pertencimento, mesclando os ritmos de *soul music*, *R&B*, *funk*, *Charme* e também, Hip-Hop. Pessoas de diversas partes da região metropolitana do Estado se encontravam para tais eventos culturais que constituíram a gênese do Rap estadual, influenciando diretamente na construção do estilo e possibilitando a exaltação e reunião da comunidade negra fluminense (OLIVEIRA, 2006).

Com apoio da pesquisa do cineasta Arthur Moura, mestre em Educação pela FFP, contada através do documentário “O Som do Tempo” (2017), na qual narra parte da trajetória da cultura Hip-Hop e do Rap no Estado do Rio de Janeiro, por meio de entrevistas e resgates históricos precisos, o longa traz um importante dado sobre a criação da ATCON (Associação Atitude Consciente), uma associação de Hip-Hop fundada em 1993, numa tentativa de organizar o movimento cultural que ali surgia, e que após um ano de seu nascimento lança o álbum “Tiro Inicial”, em 1994, com participações de MV Bill, Gabriel o Pensador, Edd Wheeler e as Damas do Rap; este último, o primeiro grupo feminino de Rap a fazer parte de um trabalho fonográfico no Estado.



Moura (2017) aponta os episódios marcantes da Chacina da Candelária, em julho de 1993, e da Chacina de Vigário Geral, em agosto de 1993, aliados ao movimento de oposição ao governo de Fernando Collor de Mello, contribuíram para uma mobilização popular dos jovens para uma nova organização em prol da valorização e resgate da cultura negra, e que por consequência, incluía o novo gênero Rap. É necessário destacar que a difusão e a organização do Hip-Hop no Rio de Janeiro não partem de uma estrutura única, como comenta Oliveira (2006), com sua territorialização ligada em geral aos bairros populares.

Em um momento seguinte da história do Rap estadual, Moura (2017) destaca também a contribuição da festa “Zoeira” como propagadora do gênero e da cultura Hip-Hop, já que além do Rap, contemplava também o grafite e o *breakdance*. A Zoeira acontecia no bairro da Lapa, na zona central do Rio, nos anos finais da década de 1990 e início dos anos 2000. Os encontros eram organizados por Elza Choen e possuíam uma perspectiva mercadológica forte, com frequentadores de classe média, majoritariamente pessoas brancas, ligando a zona sul da cidade ao centro, formando uma gama de assíduos que possuíam capital financeiro e acesso para frequentar as casas de eventos e boates do bairro. Oliveira (2019) ressalta que a região em que vivemos não é mais a mesma na atual era de globalização e de novos arranjos espaciais, pois os donos do capital e o Estado trabalham todos os dias para adequar os usos do território de acordo com os interesses do capital. Como resultado, a organização social e a vida cotidiana são totalmente influenciadas por atividades e regulamentações de variadas dimensões.

A primeira batalha de rima de rua, com registro na cidade de São Gonçalo, começou em 2009 e se chamava Batalha da Zé Garoto, sendo apresentada e realizada na Praça Zé Garoto, até meados de 2011. Em novembro de 2011, os organizadores passam a realizar semanalmente a batalha e migram deste espaço para a Praça dos Ex-Combatentes, localizada na frente da Faculdade de Formação de Professores, rebatizando assim o evento com o nome de Roda Cultural de São Gonçalo (SANTIAGO, 2017). Desde então, o evento ganhou fama e projeção nacional e, hoje, conta com milhões de visualizações em seu canal oficial do *Youtube* e com milhares de seguidores em sua conta oficial no *Instagram*, conhecida como Batalha do Tanque, desde 2012.

Ao compreender a relevância histórica da cultura Hip-Hop e, sobretudo, do Rap na cidade de São Gonçalo, seria fundamental espacializar geograficamente estes pontos na cidade onde ocorrem tais manifestações culturais, através das Rodas Culturais e das Batalhas de Improvisação, já que os jovens que frequentam as batalhas de rima e participam ativamente nas Rodas e nestes espaços de cultura, seja através da dança, do grafite, da poesia escrita ou falada e do Rap cantado ou improvisado, são também alunos que estudam nas escolas estaduais e municipais da cidade em que vivem.



## O RAP PARA PENSAR O ENSINO DE GEOGRAFIA

Os primeiros sinais da presença da música no processo educativo surgiram com a chegada das primeiras missões jesuítas. Na década de 1930, o Canto Orfeônico, sob a direção do compositor Heitor Villa Lobos, pretendia difundir de forma consciente e sistemática a linguagem musical por todo o Brasil. As canções visavam transmitir a ideia cívica, sobre princípios coerentes e coletividade, como observados durante o período Vargas, introduzidos nas escolas e sustentados pelos pilares nacionalistas da disciplina, educação cívica e artística, desenvolvido pelos sentimentos de patriotismo e ordem.

Ao final da década de 1960, a educação artística foi institucionalizada, e o Canto Orfeônico gradualmente se afastou da educação brasileira (FÉLIX; SANTANA; OLIVEIRA JÚNIOR, 2014). A música brasileira em sua pluralidade cultural e de diversos estilos musicais constitui uma das formas de expressão mais ricas do país e, por isso, é um importante elemento da cultura brasileira. A música é capaz de estimular a fala, linguagem, expressão e criatividade, apoiando, assim, a construção e o desenvolvimento do pensamento crítico.

De acordo com Rosario, Loureiro e Gomes (2021), é preciso entender a relação existente entre a música e o pensamento. A música ativa os circuitos neurais do cérebro, estimulando a atenção, a memória e o foco. Os agrupamentos da percepção e as expectativas são determinantes na adoção de várias dimensões da atenção, seleção e divisão. A ênfase narrada pelo Rap em questões sociais, em situações de conflito, em tópicos que questionem a justiça social, podem ser uma constante durante as aulas, de modo a contribuir para a construção de um mundo mais justo, desenvolvendo a criticidade dos alunos.

A partir de uma linguagem simples, o Rap aborda em suas canções (refletindo) sobre o real e o verdadeiro e, muitas vezes, é a voz dos jovens que não têm a oportunidade de se expressar, trazendo abordagens e reflexões sobre acontecimentos relevantes do cotidiano. Em sua essência, o Rap é uma arte política, que denuncia, questiona e propõe soluções para a sociedade contemporânea. Tais canções retratam a realidade do país e têm sido utilizadas para denunciar situações de injustiça e opressão. Na perspectiva de Silva (2015), as músicas são importantes ferramentas para a construção do pensamento crítico, pois os educadores podem utilizar a música e todas as expressões culturais para extrair informações das letras, traduzindo essas análises em conhecimento, por meio do diálogo, despertando a criatividade e fomentando a consciência crítica dos alunos para discutir vários conceitos da disciplina. Para a autora, a música rompe com os paradigmas tradicionais de ensino, principalmente quando a obra descreve e lança luz sobre o cotidiano que os alunos vivenciam.



Nesse sentido, o Rap torna suas canções uma ferramenta de empoderamento social para determinados grupos da sociedade. O Rap incorpora uma nova abordagem sobre a cidade e o urbano, apresentando estes, como um trabalho coletivo que permite o estudo e a reflexão de conceitos geográficos sob a aproximação dos campos da ciência e da teoria; estabelecendo uma interação que rompe com as estruturas pedagógicas tradicionais.

A autora salienta que uma forma de facilitar o aprendizado dos alunos é relacionar a realidade do ambiente físico-espacial em que os alunos vivem com o que os professores de Geografia lidam em sala de aula. Nesse contexto, o uso de obras midiáticas que retratam essa vida cotidiana (música, teatro, cinema, etc.) influencia a forma como percebemos o espaço e o tempo e influencia os elementos de conhecimento que os alunos têm do mundo real, traduzidos em sua prática diária. Essa forma de interdisciplinaridade, entre outras exigências metodológicas, sugere a utilização da música como ferramenta fundamental de integração à prática em sala de aula, para ampliar habilidades e competências comuns aos alunos (SILVA, 2015).

Portanto, em se tratando do Rap, temos uma grande riqueza cultural e artística que dialoga com a realidade do educando e pode ser integrada junto ao projeto educacional. Usar a cultura popular como uma forma libertadora de inspirar o estudo e a compreensão de seu mundo é um dos objetivos do verdadeiro processo da educação para a cidadania. As características pedagógicas enraizadas no Rap confirmam essa afirmação. Utilizar atividades, que possam incluir diversas letras de Rap e videoclipes em sala de aula, pode ser configurado como uma abordagem interessante e lúdica para o ensino, visto que, como professores de geografia, o grande interesse nas músicas é de avaliar alguma forma de potencial de análise espacial.

O rap pode ser lido, portanto, como uma ponte para a aproximação dos estudantes com as questões que envolvem o urbano, sendo que o conhecimento geográfico pode contribuir para o desvendamento dessas relações espaciais, e o ensino da Geografia, junto à preparação pedagógica, tem potencial de levar compreensão de algumas dimensões desse espaço urbano, especialmente das contradições presentes na cidade. (TEIXEIRA, 2020, p. 102)

Analisando o contexto do município de São Gonçalo e toda relação com a música apresentada até aqui, a lei complementar Federal nº 20, de 1º de julho de 1974<sup>2</sup>, tratou de fundir os Estados da Guanabara e do Rio de Janeiro, constituindo a chamada Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro. São Gonçalo faz parte desta região que abriga 896 milhões de habitantes, segundo dados do Censo 2022 (IBGE), sendo parte da segunda maior área metropolitana do país e terceira maior da América do Sul. Entre os fenômenos históricos e atuais ocorridos na cidade e os conceitos urbanos trabalhados no ensino de Geografia, temas como urbanização, circulação de bens e pessoas, divisões territoriais, problemas urbanos, espaço público,

---

<sup>2</sup> Caracterização da Região Metropolitana do Rio de Janeiro – RMRJ  
[https://www.ipea.gov.br/redeipea/images/pdfs/governanca\\_metropolitana/projeto\\_governanca\\_oficina1\\_rj.pdf](https://www.ipea.gov.br/redeipea/images/pdfs/governanca_metropolitana/projeto_governanca_oficina1_rj.pdf)



características econômicas, metrópoles, conurbação, crescimento desordenado, densidade habitacional, gentrificação e migrações se tornam possibilidades de discussão e debates pelo Rap, através de suas letras e vídeos, apresentados e explorados em sala de aula.

### **O RAP NA CONSTRUÇÃO DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA**

Quando se fala sobre um mundo cada vez mais tecnológico e de grandes transformações, pensar em novas técnicas e metodologias de ensino que proporcionem ao aluno uma experiência ímpar de aprendizado é fundamental. Para isso, dar continuidade às ações de inovação pedagógica é dever de todos que trabalham com a educação, já que as ferramentas disponíveis, atualmente, podem ser utilizadas pelo professor para ajudar o aluno a compreender os conceitos de uma forma mais eficaz e eficiente. O papel do professor pode ser de mediar os conceitos e conteúdo, como também, despertar a curiosidade do aluno e estimular o gosto pela aprendizagem.

O estudante será capaz, então, de compreender o conteúdo de uma forma mais didática, pois o professor pode buscar diferentes propostas didáticas para favorecer o desenvolvimento cognitivo de ambas as partes que formam o processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, não há como negar que o ensino de Geografia também precisa estar articulado com renovações e novas metodologias de ensino, que sejam adaptadas para a realidade do processo de ensino-aprendizagem, de forma que as atividades desempenhadas sejam eficazes e produtivas, considerando as possibilidades de interação do professor e do aluno, sendo fundamental uma adaptação do ensino a esse contexto de modificações. Desse modo, proporcionar aos alunos uma educação que tenha como foco seu ponto de vista sobre o mundo, descrevendo as realidades que vivenciam em seu próprio cotidiano.

Sacramento (2010) destaca que, atualmente, a discussão didático-pedagógica orienta que o professor precisa proporcionar uma relação recíproca com o aluno para que este possa aprender os conceitos e fenômenos da Geografia que afetam as suas vidas. Assim, verifica-se a necessidade do conhecimento pedagógico para conduzir de forma significativa o ensino, para grupos específicos de alunos e situações específicas, de forma organizada. As relações de ensino exigem que os professores saibam se expressar ou se “conectar” com os outros, ou seja, saber usar alternativas para facilitar o aprendizado e dialogar com o aluno.

A Didática da Geografia, nesse contexto, deve ser pensada de forma a auxiliar a organização dos conteúdos, bem como na escolha dos métodos mais adequados para a apresentação dos mesmos, articulando os saberes geográficos e pedagógicos, relacionando as práticas do professor e da realidade do aluno, uma vez



que a Geografia Escolar possibilita aos alunos pensarem criticamente, sobre seu espaço e lugar na sociedade, construindo uma plena cidadania.

Quando questionada sobre os caminhos de uma perspectiva geográfica para o ensino, Cavalcanti (2010) afirma em entrevista<sup>3</sup> que “não existe Geografia escolar de qualidade sem uma ponte que ligue a disciplina à vida cotidiana dos alunos”, ou seja, mediar os conceitos geográficos, permitindo ao aluno articular sua própria realidade com as situações de fenômenos e conceitos da Geografia no cotidiano.

Nesse sentido, o Rap emerge de forma possível como a ponte mencionada, relacionando os conteúdos da Geografia com a realidade do aluno. As atividades educativas estão, portanto, relacionadas com os objetivos educativos e pedagógicos para desenvolver o conteúdo das aulas. Logo, o professor pode oferecer práticas que contribuam para o desenvolvimento conceitual dos alunos, refletindo sobre as realidades que vivenciaram, respeitando suas histórias de vida e os ajudando a compreender seu papel na sociedade; o papel de cidadão. Para isso, pensar a didática como uma ciência condutora da aprendizagem, requer uma contribuição constante, especialmente dos professores, para que reflitam conceitos teóricos e práticos que incluam o conhecimento do comportamento social e cultural na prática escolar cotidiana. (SACRAMENTO, 2012).

O Estatuto da Criança e do Adolescente, em seu artigo 53<sup>4</sup> afirma que a educação deverá conceder o pleno desenvolvimento da criança, de forma a torná-la capaz de exercer seus direitos e a sua cidadania. Para isso, é necessário oferecer a ela um ensino de qualidade, que supere a transmissão de conteúdos teóricos, estimulando o diálogo, o questionamento, a reflexão, a participação e a criatividade. A educação é o instrumento capaz de transformar a sociedade, e para tal, deve abordar diversos temas, de forma crítica e ativa, que contribuam para a formação do indivíduo.

A educação para a cidadania é a educação para a liberdade. É a educação que constrói a consciência do indivíduo, que o prepara para a vida em sociedade, para o exercício de sua cidadania, para o domínio de seus direitos e deveres. Assim, a educação será de fato transformadora, se contribuir para a formação de cidadãos capazes de assumir critérios próprios, de analisar, questionar, dialogar e se envolver na vida social, assumindo sua cidadania de forma plena.

---

<sup>3</sup> Em entrevista, Lana de Souza Cavalcanti fala sobre o ensino de Geografia com novas abordagens. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/901/lana-de-souza-cavalcanti-fala-sobre-o-ensino-de-geografia-com-novas-abordagens>

<sup>4</sup> Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/534718/eca\\_1ed.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/534718/eca_1ed.pdf)



Freire (1997) destaca que a educação deve ser libertadora, através da ação e da participação do educando. A educação não pode ser encarada somente como um processo de transmissão de conhecimento, mas sim como um processo de libertação do sujeito educado, que deve ser capaz de assumir a sua identidade como história e construir um projeto de vida. Para isso, é preciso que a educação seja uma ferramenta que promova a reflexão e o questionamento, de forma a possibilitar a construção do conhecimento e a autonomia do educando.

Ao analisar as contribuições do ensino para a temática urbana e de cidades, Cavalcanti (2011) sustenta que a maioria das pessoas, nos dias atuais, vive em cidades, que são lugares complexos, com estilos de vida padronizados, especialmente nos países ocidentais. Nesses lugares, existem muitos grupos diferentes, com diversas manifestações culturais, disputas e conflitos. Por isso, o desafio da Geografia é compreender a complexidade das cidades. Para a autora, “Produzir espaço, produzir cidades, é produzir na macro e na microescala, em todas as dimensões: a material, a simbólica e cultural, a social; pois elas estão ligadas à dinâmica interna da cidade – produção, circulação e moradia” (p. 2).

Nessa produção, os processos de criação de valor urbano, segregação, marginalização e centralização estão indissociavelmente ligados, fruto das estratégias de ocupação e apropriação de lugares de diferentes classes sociais. A utilização do Rap em sala de aula pode ser uma opção para tal entendimento dessa produção de espaços e produção de cidades, indicando ao aluno como adaptar e compreender os conceitos de segregação e marginalização, por exemplo, ao aplicar em sua realidade.

A cidade e o urbano são também expressão da diversidade de grupos, desejos, vontades, convenções e estilos. São lugares de diferença, contato e conflito. No produto da vida cotidiana urbana, alguns elementos são imprescindíveis: meios de transporte coletivo e suas vias de circulação, trânsito ininterrupto e postos de atendimento de emergência. Então, o próprio espaço público é um exemplo de exercício da cidadania, despertando a necessidade de uma concepção mais democrática e participativa de gestão urbana, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida de seus moradores. Ao mediar os conceitos geográficos, a educação deve tratar a realidade cotidiana dos alunos, incluindo sua linguagem, expressão, cultura e vivência. (SOUZA, 2000).

O grande desafio é o de conciliar tais temáticas e necessidades do educando com a perspectiva geográfica, fazendo a mediação entre o conhecimento dos alunos sobre a cidade e o urbano, e a partir disso, trabalhar, não somente conceitos básicos, como paisagem, lugar e território, mas também complexos, como periferização, segregação, urbanização, metrópole, megalópole, município, conurbação, dispersão e concentração urbana, entre outros. Tal desafio mencionado pode ser adaptado em sala de aula com a



música, para que os conceitos elaborados pelo professor se tornem acessíveis para os alunos por meio do Rap, como um facilitador do ensino.

Antes mesmo do processo didático-pedagógico, os conhecimentos já estão presentes na escola através dos alunos que ali circulam, sendo assim, a finalidade do sistema educativo é a de ampliar essas referências diretas. Entretanto, para cumprir essa tarefa, é importante conhecer os jovens alunos, seus estímulos, percepções, ânimos e compreensão. Oliveira e Alvarenga (2014) apontam que no Brasil, o afastamento antecipado dos estudantes mais pobres e que vivem na realidade periférica das cidades pode contribuir ativamente para uma reprodução de padrão na construção social do lugar de seus pais, sendo a escola, em um sistema capitalista, um local possivelmente catalisador desses contrastes traduzidos em desigualdades escolares, acentuando nessa medida a repetição de desigualdades sociais.

Há um diálogo então sobre a necessidade de grande atenção por parte da escola (e de seus processos), durante os processos formais de ensino, de entenderem, de fato, a realidade e as noções da compreensão de mundo dos alunos, formados de forma anterior, propriamente, ao sistema educativo, já que os educandos são parte fundamental e ativa no desenvolvimento das cidades e do contexto urbano, como afirma Cavalcanti (2013) na sequência:

Os jovens são agentes do processo de produção e reprodução do espaço urbano, pois em seu cotidiano fazem parte dos fluxos, dos deslocamentos, da construção de territórios; criam demandas; compõem paisagens; imprimem identidades e dão movimento aos lugares. (CAVALCANTI, 2013, p.80)

Nesse sentido, o Rap em sala de aula aparece como um elemento de grande importância para a educação, desde um recurso extremamente poderoso para a socialização, até a transmissão de variados conceitos que podem ser exemplificados através do gênero, na necessidade do professor se tornar um mediador e facilitador, uma espécie de convidado ao lado do aluno; dado que ensinar exige respeito aos saberes dos educandos (FREIRE, 1996, p. 9).

### **OFICINA SOBRE RAP: UMA EXPERIÊNCIA PARA CRIANÇAS DE PERIFERIA DE SÃO GONÇALO-RJ**

A oficina como proposta didática possibilita que os participantes ampliem os conhecimentos adquiridos em sala de aula e os relacionem com o cotidiano (MONTEIRO *et al.*, 2019). Dessa forma, é possível que os participantes aprendam sobre o tema em questão, desenvolvendo os conhecimentos, para aplicá-los na vida cotidiana.



Segundo Frigério e Straforini (2017), a oficina pedagógica precisa ser uma possibilidade metodológica, pois ela tem como característica a fluidez e movimentos artesanais na sua elaboração e em sua execução; dando sentido à forma como estão sendo conduzidas as atividades.

A oficina é compreendida como uma atividade lúdica apresentada em diferentes etapas para a construção de um conhecimento, sendo uma metodologia que aproxima a teoria da prática. Por isso, de acordo com Paviani e Fontana (2009), esta possibilita construir conhecimento, a partir da ação, com base teórica. Ela permite ao estudante - o ato de ação e reflexão - articulando conceitos e conteúdo.

A participação ativa dos alunos e uma interação mais intensa com os conteúdos trabalhados podem ser ofertadas de uma forma diferente que foge a aula tradicional, por meio de oficinas pedagógicas nas quais há uma possibilidade de se discutir os conteúdos da geografia, articulados com as temáticas da cidade e o urbano, sobre a cidade de São Gonçalo, por exemplo.

Esta oficina foi realizada durante a 5ª Edição da Colônia de Férias: Futuros Cientistas, organizada pelo Núcleo de Apoio Experimental em Bioquímica (NAEB), ocorrida em julho de 2022 na Faculdade de Formação de Professores. Tivemos a oportunidade de realizar uma oficina, inserindo o Rap como metodologia para o ensino de conceitos na temática urbana e sobre cidades, para crianças entre 5 e 12 anos. A atividade (Quadro 1) teve como objetivo geral inserir o Rap como material lúdico utilizando videoclipes como uma alternativa pedagógica para a percepção das crianças sobre a cidade onde vivem.

**Quadro 1** – Oficina: Rap e Educação, Rap é Educação.



<b>3. Duração da oficina:</b> 45 minutos		
<b>4. Número de participantes:</b> 25 alunos		
<b>5. Organização das atividades</b>		
<b>Ordem</b>	<b>Atividade</b>	<b>Tempo</b>
1	Apresentação para a turma	05 min
2	Apresentar o gênero musical Rap	05 min
3	Exibir vídeos de Rap com crianças nas cidades	10 min
4	Realização da atividade "Descreva por meio de desenhos como é a sua própria cidade", "Quais elementos fazem parte da sua cidade?"	15 min
5	Comparar os elementos que fazem parte das cidades descritas pelos alunos com as apresentadas ao longo dos vídeos	10 min
6	Fim da Oficina	
<b>6. Material:</b> TV, notebook, vídeos, giz de cera, folha branca A4		
<b>7. Referências:</b>		
TEIXEIRA, Alison Nascimento. <b>O RAP na Geografia: possibilidades de mediação do conhecimento e ensino de Geografia a partir da periferia.</b> Dissertação de mestrado. Pós-graduação em Geografia. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2020. Disponível em: <a href="https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/28844/1/RapGeografiaPossibilidades.pdf">https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/28844/1/RapGeografiaPossibilidades.pdf</a> . Acesso em: 20 jun. 2022.		
Silento - Watch Me (Whip/NaeNae)   @YAKfilms x TURFinc, Bague Boyz, Phoenix Lil'Mini #WatchMeDanceOn. Oakland, CA. Disponível em: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=mOnzahcTGus">https://www.youtube.com/watch?v=mOnzahcTGus</a>		
H&M Kids: Fashion Flash Mob in San Francisco. Disponível em: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=FqTEkVR2ZeU">https://www.youtube.com/watch?v=FqTEkVR2ZeU</a>		
JeddJace MashupKids. Santa Monica, California, USA. Disponível em: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=WQApfjSvOcE">https://www.youtube.com/watch?v=WQApfjSvOcE</a>		
The Groove Studio   Playground   Hip Hop KIDS. Disponível em: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=MPHmq--gMjo">https://www.youtube.com/watch?v=MPHmq--gMjo</a>		
<b>Participantes:</b> 25 alunos		
<b>1. Apresentação</b>		
<p>O Rap é a expressão musical de um movimento mais amplo, o Hip-Hop. No processo de sua formação, o rap teve um papel importante diretamente relacionado às condições do espaço urbano, podendo ser entendido inicialmente como uma linguagem construída por grupos de jovens em diferentes realidades locais para se expressar diante das desigualdades presentes no espaço urbano. A oficina tem como objetivo utilizar o rap como possível mediador do conhecimento e ensino sobre as cidades. Para tanto, serão exibidos videoclipes de crianças dançando rap em diferentes cidades e serão feitas comparações entre as cidades apresentadas e as descritas pelos alunos.</p>		
<b>2. Objetivos</b>		
Trabalhar o rap como material lúdico por meio de videoclipes como uma alternativa pedagógica para a percepção própria sobre a cidade.		
<b>Objetivos específicos:</b>		
Propor ao aluno descrever o espaço urbano onde vive.		
Solicitar desenhos para representar a sua própria cidade.		
Analisar com aspectos comuns e específicos na perspectiva de cada educando sobre a cidade.		

Organização: Costa (2022)



Para se chegar ao contexto da representação do urbano, foi realizada uma apresentação do gênero musical Rap para as crianças, que, prontamente, demonstraram interesse pela temática. Elas relataram conhecer o ritmo e escutar de maneira cotidiana através de plataformas de streaming e, principalmente, por sites de conteúdo multimídia como o *Youtube*, relatados de maneira vinculada com os jogos online e trilha sonora de entretenimento assistidos, como séries e desenhos. Ao verificar a familiaridade com o ritmo, a proposta da oficina envolveu uma série de apresentações de videoclipes com crianças de faixa etária similar a dos alunos, dançando *breakdance* em cidades distintas ao redor do mundo, como Londres na Inglaterra, Oakland, Santa Mônica e São Francisco nos Estados Unidos<sup>5</sup>, como apresentados nas Figuras 1a e b.

**Figuras 1a e b** - Alunos assistem videoclipes de crianças dançando breakdance durante oficina.



Fonte: Costa (2022).

Ao observar os movimentos nas apresentações do Hip-Hop, com a presença da dança (*breakdance*) e da música (Rap), os alunos foram convidados a analisarem o ambiente urbano ao redor dos dançarinos e, posteriormente, questionados sobre a presença de elementos, que constituem uma cidade, expostos durante a apresentação. A seguir, a Tabela 1 apresenta um comparativo por turma, das respostas dos alunos, ao identificarem elementos presentes nas cidades apresentadas durante os videoclipes.

---

<sup>5</sup> Referências utilizadas durante oficina: Silento - Watch Me (Whip/NaeNae) | @YAKfilms x TURFinc, Bague Boyz, Phoenix Lil&Mini #WatchMeDanceOn. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mOnzahcTGus&gt;>; H&M Kids: Fashion Flash Mob in San Francisco. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FqTEkVR2ZeU&gt;>; JeddJace MashupKids. Santa Monica, California USA. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WQApfjSvOcE&gt;>; The Groove Studio | Playground | Hip Hop KIDS. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MPHmq--gMjo&gt;>;

Tabela 1- Respostas apresentadas pelos alunos por faixa etária e turma.

Turma	Faixa Etária	Respostas
1	5 até 7 anos	Destacaram a presença de casas com janelas, árvores, lixeiras, bicicleta e crianças.
2	8 até 10 anos	Destacaram a presença de prédios, faixas de pedestre, pessoas, bancos públicos para aguardar o ônibus, loja de óculos (vestuário) e luzes de natal (iluminação).
3	11 e 12 anos	Destacaram a presença de asfalto, poste de iluminação, calçadas, prédios, diferentes setores lojistas, como "McDonald's" (alimentação), de roupas (vestuário) de celulares (telefonía), ponto de ônibus, "Bondinho" (transporte), monumentos, e muitas pessoas aglomeradas.

Fonte: Costa (2022).

Após a primeira análise do espaço urbano através do videoclípe, os alunos participaram de uma nova atividade, realizando uma exposição por meio de desenhos e ilustrações sobre a sua própria cidade e características particulares do espaço urbano onde vivem. Algumas ilustrações foram selecionadas para este texto, apontando as resoluções trazidas e apresentadas pelos alunos para a tarefa aplicada, registradas nas Figuras 2a e b e Figuras 3c e d. A expectativa seria de que os alunos pudessem representar a sua própria espacialidade, recordando de elementos do cotidiano que constituem a área urbana e cidade onde vivem, como indicados na análise anterior. Os resultados observados confirmam de forma qualitativa o grande aproveitamento e participação dos educandos no processo de ensino-aprendizagem, ressaltando a potencialidade da música e indicando o estímulo de criatividade e imaginação das crianças, expressadas em conjunto pela dança no *breakdance* e pela música com o Rap, destacando a contribuição e impacto do gênero, na vida cotidiana dos alunos do município de São Gonçalo.

Figuras 2 a e b - Representações dos alunos sobre o espaço urbano onde vivem.



Fonte: Fotos tiradas por Costa (2022)



**Figuras 3a e b** - Representações dos alunos sobre o espaço urbano onde vivem.



Fonte: Fotos tiradas por Costa (2022)

Os desenhos apresentados pelos alunos contemplam suas próprias noções e significados sobre o local onde vivem, representados, sobretudo, pela percepção comum na cidade de São Gonçalo, onde transitam e vivem o cotidiano. As representações destacam ruas, avenidas, veículos, pedestres, morros, vegetações, prédios, casas, iluminação pública, escolas, faixas de pedestres, semáforos, lojas e variados elementos que constituem a dinâmica urbana e compõem a cidade.

A potencialidade do Rap pôde ser destacada de variadas formas, já que os alunos observaram através dos vídeos mencionados, similaridades e diferenças acerca das cidades apresentadas, compreendendo por meio da atividade, os conceitos de urbano e cidade apontados, tornando o processo de aprendizagem lúdico e recreativo, resultando até mesmo, na tentativa prática de aprender os passos de *breakdance* trazidos no material audiovisual, quando um aluno pediu para dançar ao final da atividade, como destacadas nas Figuras 4a e b.



Figuras 4a e b - Aluno dançando passos de *breakdance* ao final da atividade.



Fonte: Fotos tiradas por Costa (2022)

Através da oficina realizada, a conclusão a ser observada é de que o Rap como manifestação cultural, pode ser utilizado como ferramenta de ensino e aprendizagem, através de desenhos, para crianças de diferentes idades, ajudando a trabalhar habilidades como a linguagem, a memória e o raciocínio lógico, além de estimular a criatividade e a imaginação das crianças. Através do Rap, as crianças puderam aprender de forma divertida e se conectaram com a cultura popular, contribuindo para a formação integral e humanizada dos alunos.

O Rap pôde, ainda, auxiliar crianças a entender sobre a geografia urbana de várias formas. O material elaborado com vídeo faz referência a aspectos geográficos das cidades, como bairros, ruas, praças e monumentos, incentivando a reflexão e o debate sobre temas como urbanização, desenvolvimento urbano sustentável, mobilidade urbana e planejamento territorial, trazidos através dos desenhos apresentados.

Dessa forma, o Rap pôde contribuir para uma aprendizagem mais significativa e contextualizada sobre a geografia urbana através do ponto de vista dos educandos. Ao utilizar o Rap como fonte de inspiração para o desenho, os alunos puderam se conectar com a música e se sentir mais motivados e engajados na atividade proposta.

A atividade com desenho permitiu que os alunos expressassem suas ideias e conhecimentos sobre a geografia urbana de forma criativa e visual, contribuindo para uma aprendizagem mais significativa e duradoura. Ao desenhar sobre a geografia urbana, os alunos puderam representar elementos como ruas, prédios, praças e pontos de referência, desenvolvendo suas habilidades de observação e representação



espacial. Dessa forma, o desenho sobre a geografia urbana, por meio do Rap, pode ser uma atividade divertida e eficaz para promover o aprendizado dos alunos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização de novas ferramentas didáticas e pedagógicas é fundamental no mundo contemporâneo para acompanhar as transformações tecnológicas e sociais. Essas ferramentas permitem um ensino mais dinâmico e interativo, capaz de envolver e motivar os estudantes, além de possibilitar uma aprendizagem mais significativa e contextualizada. Através da incorporação de novas tecnologias e metodologias, é possível criar um ambiente de aprendizagem mais criativo e inovador, que prepara os estudantes para enfrentar os desafios do mundo atual.

O uso da música e do Rap em sala de aula pode ser uma poderosa ferramenta pedagógica para o ensino de Geografia na educação básica. Através da música, os estudantes podem aprender sobre geografia de uma forma lúdica e envolvente, que os ajuda a se conectar com as temáticas de uma maneira menos teórica.

O Hip-Hop, em particular, é um gênero musical que tem muitas ligações com as questões geográficas e pode ser utilizado para ensinar sobre geografia humana, geopolítica, migrações e outras temáticas relacionadas. O Hip-Hop surgiu em bairros periféricos de Nova York, onde os jovens negros e latinos criaram um movimento cultural como forma de expressão e resistência. Essa cultura se expandiu pelo mundo todo e hoje é uma importante referência cultural para a juventude.

O Rap pode ser utilizado em sala de aula para ensinar sobre a história e a geografia desses bairros periféricos, bem como para discutir as questões sociais, culturais e políticas que levaram à criação desse movimento. Além disso, é possível explorar as letras das músicas para discutir questões geopolíticas, como a relação entre os Estados Unidos e a América Latina, por exemplo.

O Rap também pode ser usado para ensinar sobre migrações e deslocamentos populacionais, visto que o movimento Hip-Hop se espalhou pelo mundo todo e influenciou muitas culturas locais, possibilitando aos estudantes um aprendizado sobre a geografia das migrações e como esses deslocamentos afetam as culturas locais.

Outra vantagem do uso da música e do Hip-Hop em sala de aula, é que eles podem ajudar a promover a inclusão e a diversidade. O Rap nasceu em comunidades marginalizadas, como forma de resistência e



expressão. Ao introduzir essa cultura na sala de aula, os estudantes podem aprender a valorizar as culturas populares e a importância da diversidade, podendo ser utilizado para discutir questões geopolíticas, culturais e sociais, promovendo a inclusão e estimulando a conexão dos estudantes com as temáticas geográficas.

Por fim, o uso da música e do Hip-Hop em sala de aula pode ajudar a tornar o ensino de Geografia mais dinâmico e interessante para os estudantes. O Hip-Hop é um gênero musical muito popular entre os jovens e pode ser uma forma de atrair a atenção dos estudantes para as temáticas geográficas de uma forma mais envolvente e participativa, sendo uma estratégia pedagógica muito eficaz para ensinar Geografia na educação básica.

## REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, Lana de Souza. Aprender sobre a cidade: a geografia urbana brasileira e a formação de jovens escolares. **Revista Geográfica de América Central**, v. 2, p. 1-18, 2011.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Jovens Escolares e a Cidade: Concepções e práticas espaciais urbanas cotidianas. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, n.35, Volume Especial, p. 74-86, 2013.

FÉLIX, Geisa Ferreira Ribeiro; SANTANA, Hélio Renato Góes; OLIVEIRA JUNIOR, Wilson. A música como recurso didático na construção do conhecimento. **Cairu em Revista**. Jul/Ago. Ano 03, nº 04, p. 17-28, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia** - Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra (Coleção Leitura), 1997.

FRIGÉRIO, Regina; STRAFORINI, Rafael. Tecendo Identidades em Oficinas Pedagógicas: movimentos possíveis no ensino de Geografia. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM GEOGRAFIA, 12, 2017. Porto Alegre, RS. **XII Encontro Nacional da Associação de Pós Graduação e Pesquisa em Geografia**, Porto Alegre: UFRGS, 2017. v. I. p. 3535-3542.

GONÇALVES, Maria das Graças. O discurso possível de uma juventude excluída. **CadernosPENESB. Revista do Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira Faculdade de Educação** – UFF. n. 12, p. 23-70, 2010.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidade de São Gonçalo**. 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/sao-goncalo/panorama>. Acesso em: 20 ago 2023.

MONTEIRO, Heloísa Ribeiro de S. et al. A importância das oficinas pedagógicas no processo de ensino-aprendizagem. **Revista Epistemologia e Práxis Educativa**. EPEduc. 2, (2), 2019, s.p.

OLIVEIRA, Denilson Araújo de. **Por uma significação geográfica do movimento hip-hop**. 75f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Geografia). Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2004.

OLIVEIRA, Denilson Araújo de. **Territorialidades no mundo globalizado: outras leituras de cidade a partir da cultura Hip Hop na metrópole carioca**. 2006. 168p. Dissertação (Mestrado). Departamento de Geografia, Universidade Federal Fluminense, 2006.

OLIVEIRA, Denilson Araújo de. Cultura Política Urbana: uma análise da inscrição territorial do hip-hop no bairro de Monjolos, São Gonçalo (RJ). **Revista Crítica Cultural**, 2011.

OLIVEIRA, Elaine Ferreira Rezende de; ALVARENGA, Marcia Soares. Juventudes e escolarização: Trajetórias escolares de jovens em espaço social de periferia urbana. In: JORNADAS DE SOCIOLOGIA DE LA UNLP, 8. La Plata: **UNLP. FAHCE**. Departamento de Sociología, 2014, p. 1-15.



OLIVEIRA, Floriano José Godinho. A produção do espaço social e a economia política. In: OLIVEIRA, Floriano José Godinho; OLIVEIRA, Leandro Dias de; TUNES, Regina Helena; MORAES, Roberto. (Org.). **Espaço e Economia**: Geografia Econômica e Economia Política. 1ed. Rio de Janeiro: Editora Consequência, 2019, p. 105-123.

O SOM DO TEMPO. Direção: Arthur Moura e Gabriel Moreno. Produção: 202 Filmes. Brasil. 2017. (103 min.) Disponível em: <<https://libreflix.org/i/o-som-do-tempo>> Acesso em: 10.01.2022

PAVIANI, Neires Maria Soldatelli; FONTANA, Niura Maria. Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência. **Conjectura**, Caxias do Sul, 14, (2), p. 77-88, maio/ago., 2009.

ROSARIO, Verônica Magalhães; LOUREIRO, Cybelle Maria Veiga; GOMES, Cristiano Mauro Assis. Relação entre Música e Atenção. **Per Musi** nº. 40, General Topics: p. 1-18, 2020.

SACRAMENTO, Ana Claudia Ramos. Didática e Educação Geográfica: algumas notas. **Uni-pluriversidad**, v. 10, n. 3, p. 81-89, 2010.

SACRAMENTO, Ana Claudia Ramos. A Consciência e a mediação dos conhecimentos geográficos pelos professores em sala de aula. **Espacios**, [S.L.], Universidad Academia de Humanismo Cristiano, v. 2, n. 3, p. 41, 7 abr. 2012.

SANTIAGO, Carolina de Castro. **Batalhas de rimas de São Gonçalo**: "Tô aqui". Monografia (Pós Graduação em Estudos Literários) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores. 2017.

SILVA, Cátia Antônia. Processos de Urbanização em São Gonçalo no contexto metropolitana do Rio de Janeiro e suas consequências socioambientais. In: SANTOS, Marcelo Guerra. (Org.). **Estudos ambientais em Regiões metropolitanas**: São Gonçalo. 1ed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012, v. 1, p. 41-58.

SILVA, Renagila Soares. **A importância da música nas aulas de geografia**: práticas e métodos diferenciados no uso da música como metodologia de ensino nas aulas de geografia. Monografia (Graduação). 45f. Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande PB (UFCG), campus Cajazeiras, 2015.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do desenvolvimento urbano**. 6ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **O desafio metropolitano**. Um estudo sobre a problemática sócio-espacial nas metrópoles brasileiras. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

TEIXEIRA, Alison Nascimento. **O Rap na Geografia**: possibilidades de mediação do conhecimento e ensino de Geografia a partir da periferia. 2020. 125p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Geografia. 2020.